

## Resultado negativo da agroindústria afeta o PIB do agronegócio em novembro

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro decresceu 0,08% em novembro, reduzindo para 1,60% o avanço do setor, no acumulado de 2014. O PIB é estimado pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP.

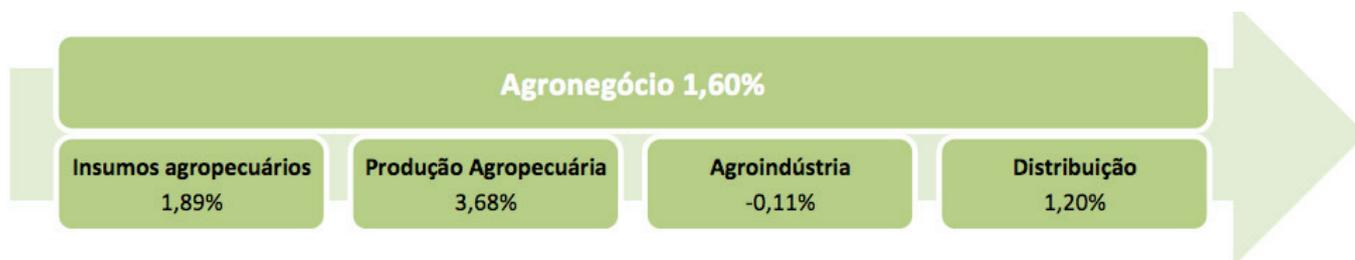
Desta forma, a renda do agronegócio brasileiro estimada para 2014 é de R\$ 1,175 trilhão, sendo R\$ 798,9 bilhões (68%) referentes ao ramo agrícola e R\$ 376,9 bilhões (32%) ao pecuário (a preços de 2014).

O resultado pouco animador do agronegócio segue atrelado ao desempenho negativo do ramo agrícola, com baixas

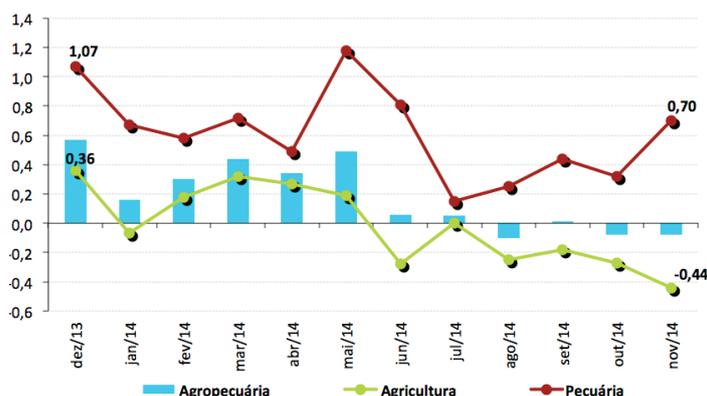
de 0,44% em novembro e de 0,53% de janeiro a novembro. No mês, todos os segmentos da agricultura decresceram. No acumulado do ano, apenas o primário registrou alta (0,49%). Na mesma comparação, insumos, indústria e distribuição recuaram 0,72%, 0,76% e 1,01%, nesta ordem.

No ramo da pecuária, o cenário se manteve positivo, com expansão de 0,70% no mês, e de 6,49% na parcial de 2014 (onze primeiros meses). O segmento industrial manteve-se praticamente estável no mês, mas com elevação de 4,10% no ano. Os demais segmentos apresentaram crescimento, tanto em novembro quanto no acumulado do período, a taxas de 5,68%, 7,67% e 6,24%, respectivamente.

A agroindústria nacional, por sua vez, seguiu oscilando, com nova queda de 0,36% em novembro. No acumulado do ano, os resultados do segmento têm sido pressionados pelas atividades de processamento vegetal, já que para a indústria da pecuária o cenário tem se mostrado bastante favorável. No caso da agroindústria agrícola, das dez atividades acompanhadas, apenas três acumularam alta de janeiro a novembro - celulose, papel e gráfica, etanol e café. Para as demais, recuos de preços e/ou produção pesaram sobre o faturamento no período, sendo que as indústrias de óleos vegetais e açucareira apresentaram os piores resultados.

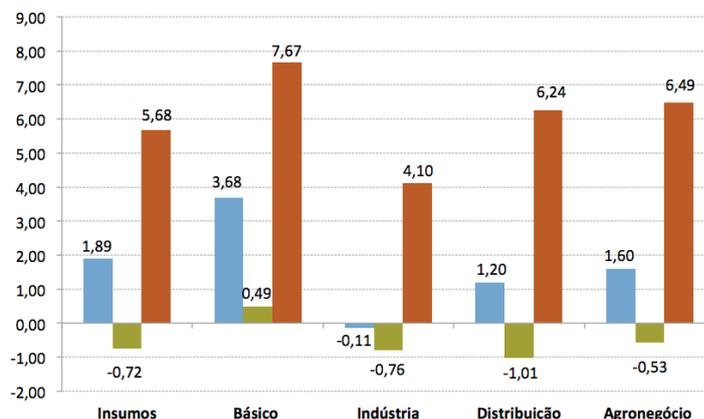


Evolução da taxa de crescimento do PIB do agronegócio (%)



Fonte: Cepea-USP e CNA

Taxas de crescimento acumuladas em 2014 (%)



Fonte: Cepea-USP e CNA

# Insumos agrícolas limitam crescimento do segmento

O segmento de insumos cresceu ligeiramente em novembro (0,17%), acumulando no ano elevação de 1,89%. Esse cenário resultou de comportamentos distintos. Enquanto para a agricultura o desempenho foi negativo, tanto no mês (0,33%), quanto de janeiro a novembro (0,72%), para a pecuária houve alta de 0,85%, em novembro, e de 5,68% na parcial do ano.

Em relação aos grupos de insumos acompanhados, apenas para adubos e fertilizantes, a expectativa é de queda no faturamento anual, de 10,91% a.a., reflexo da retração tanto em volume quanto em preço. Para as cotações, apesar da aceleração desde junho, na comparação entre janeiro/14 e novembro/14 e o mesmo período de 2013, houve recuo de 4,78%. O recente movimento de alta nos preços dos fertilizantes, que foi mantido em novembro, reflete a valorização do dólar

frente ao Real – visto que grande parte da demanda nacional é atendida por importações. Quanto ao volume, ainda que tenha apresentado tendência geral de aumento ao longo do ano, na comparação com o mesmo período de 2013, o patamar é 6,44% menor.

Para o grupo de alimentos para animais, a expectativa para o faturamento anual é de alta de 2,97%, reflexo do aumento de 4,1% na produção, contra uma baixa de 1,08% na cotação anual do insumo. Apesar deste menor patamar, os preços reais do grupo tiveram aceleração, em especial, a partir de julho. Segundo o Sindirações, o crescimento do consumo de proteína animal, tanto interno quanto externo, explica a expectativa de aumento na produção anual. A seca prejudicou o desenvolvimento das pastagens, favorecendo o consumo de rações. No caso da atividade leiteira, também houve maior

investimento em suplementação por conta dos altos patamares de preço ao produtor em 2013. Ademais, a dinâmica observada no mercado de grãos, com queda nas cotações, favoreceu o setor de rações em geral, possibilitando recomposição de preços após a forte retração em 2013.

Em relação aos combustíveis, preços e volume em alta elevaram em 7,39% o faturamento esperado para 2014 (até novembro). Para a produção, estima-se aumento de 2,7% a.a., e para as cotações, de 4,57% a.a. Em novembro, a Petrobras anunciou o aumento de preços nas refinarias: 3% para a gasolina, e 5% para o óleo diesel. Apesar desta alta não ser repassada na mesma proporção aos consumidores, os postos rapidamente reajustaram para cima o preço dos combustíveis.

## Desempenho “dentro da porteira” reverte movimento de baixa

Após três meses registrando quedas, o segmento primário do agronegócio voltou a crescer em novembro (0,22%). Assim, a taxa acumulada no ano elevou-se para 3,68%. O segmento agrícola novamente recuou no mês, mas de maneira menos acentuada. No entanto, manteve alta de 0,49% no ano. Já o ramo da pecuária seguiu com desempenho positivo expressivo, com elevação de 0,99% em novembro (frente 0,15% em out/14) e de 7,67% no acumulado de 2014.

Na agricultura, a desaceleração de preços seguiu pesando sobre os resultados do segmento. Na comparação entre janeiro e novembro/14 e o mesmo período de 2013, a redução no valor médio para o conjunto de culturas acompanhadas foi de 1,94%, frente à queda de 1,30% observada até outubro (na comparação com janeiro a outubro/13). Para o volume produzido, a expectativa é de alta de 3,12% em relação à temporada anterior.

Entre as culturas acompanhadas, as que registram crescimento anual na renda avaliada até novembro, foram: algodão (19,10%), arroz (4,41%), banana (17,20%), cacau (41,94%), cebola (6,88%), café (24,85%), fumo (1,34%), laranja (25,04%), soja (0,73%) e uva (10,43%). Para arroz, banana, cacau, ce-

bola, fumo e uva, os cenários foram de alta tanto em preços quanto em produção. Para algodão e soja, a expansão reflete a maior quantidade esperada para a safra corrente, enquanto para o café e a laranja, resulta dos maiores preços.

Os faturamentos da banana e do cacau foram impulsionados, em especial, pelo elevado patamar das cotações. No caso da banana, a forte valorização resultou da baixa oferta nacional entre janeiro e abril. A partir de maio, as cotações perderam ritmo - efeito da menor qualidade da fruta em algumas regiões produtoras -, mas na comparação anual, a alta segue expressiva, de 14,07% em relação ao período de janeiro a novembro de 2013.

Quanto ao cacau, o elevado patamar de preços (+32,24% a.a.) justifica-se pela expectativa de produção menor que o consumo e, adicionalmente, pela possibilidade de ocorrência de ebola na Costa do Marfim e em Gana, maiores produtores do fruto. Embora com alta na comparação anual, em novembro, o cacau desvalorizou-se 4,51% em relação a outubro. Segundo a Conab, um conjunto de fatores pesou sobre esse resultado, entre os quais os altos estoques de passagem para a safra 2013/2014 na Costa do Marfim, o bom desempenho deste país no

início da temporada 2014/2015 e o preço de garantia estabelecido pelos governos da Costa do Marfim e de Gana aos produtores acima do esperado. Além disso, houve notícias de avanços no controle do ebola na África.

Com volumes em baixa e preços maiores, o faturamento da laranja foi 25,04% superior ao registrado no mesmo período de 2013 (janeiro a novembro). As maiores cotações no ano corrente atrelaram-se ao recuo dos estoques de passagem de suco das indústrias paulistas, embora ainda em níveis confortáveis para as processadoras. Em novembro, os preços da laranja de mesa também estiveram em alta, segundo levantamento do Cepea. A laranja pera (mercado in natura) teve média de R\$ 13,18/cx de 40,8 kg, na árvore, aumento de 9% em relação a outubro, e de 11% ante o mesmo período de 2013. Além da baixa oferta no período de finalização da safra da pera, a seca concentrou a colheita, pois as plantas estavam debilitadas, sendo difícil a permanência das frutas por muito tempo nos pés. Dessa forma, aqueles produtores que tinham contrato com a indústria incluíram volumes que, a princípio, seriam destinados ao mercado de mesa para a moagem. Os demais comercializaram com as processadoras no mercado spot.

Produção em baixa e cotações em alta também elevaram a renda da atividade cafeeira em 2014. A produção estimada do grão é 7,75% menor que a da safra anterior. Já o incremento de preços chega a 35,34% a.a. Segundo a Conab, o menor volume de arábica resultou da forte estiagem em 2014, da redução dos tratamentos culturais em alguns cafezais e da inversão de bienalidade em parte das regiões produtoras. Ainda de acordo com a Conab, em novembro, as condições climáticas mostraram-se favoráveis ao desenvolvimento dos cafezais, com chuvas mais bem distribuídas e alternância com períodos de sol. Boa parte das lavouras apresentou recuperação em termos de enfolhamento, notadamente aquelas mais bem tratadas, as que apresentaram baixa carga produtiva na última temporada, aquelas localizadas em regiões mais altas, as de primeiro ano de colheita e as esqueletadas no período pós-colheita da safra 2013.

Em novembro, também foi divulgada a estimativa do USDA para a safra brasileira de café. Para o departamento norte-americano, a atual temporada de café (2014/2015) no país deve totalizar 51,2 milhões de sacas de 60 kg (arábica e robusta), superando em 3,4% as 49,5 milhões de sacas da estimativa anterior, divulgada em julho. Este incremento na produção foi atrelado ao melhor rendimento agrícola esperado em áreas de Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo. Pesquisadores do Cepea destacam que esta nova estimativa não foi bem aceita por boa parte dos agentes consultados. Isso porque a severa estiagem que afetou as principais regiões produtoras no final de 2013 e em boa parte de 2014 comprometeu uma parcela da safra em relação ao volume e à qualidade dos grãos.

Em relação ao algodão, o maior faturamento em 2014 tem sido sustentado pelo aumento da produção (32,31%), já que os preços estão em consistente tendência de recuo neste ano, de 10% na comparação entre os 11 primeiros meses de 2014 e 2013. O movimento de baixa nas cotações deu-se pela elevada oferta doméstica desta safra e queda nas cotações externas. Em novembro, a média mensal do Indicador CEPEA/ESALQ com pagamento 8 dias, referente à pluma 41-4, posta na capital paulista, de R\$ 1,6533/lp, foi 0,23% menor que à de outubro/14 e 23,05% inferior à de novembro/13 (valores atualizados pelo IGP-DI de out/14). Em se tratando do maior volume produzido, a Conab destaca que a alta registrada na safra atual refletiu o avanço de 25,4% na área plantada, o que, por sua

vez, decorreu da recuperação dos preços do algodão no mercado interno ao longo de 2013, juntamente com a oferta mais restrita e a tendência de valorização no mercado internacional.

Dentre as culturas com faturamento anual em expansão, a soja registra o crescimento mais modesto, de apenas 0,73%. Este desempenho é puxado pela perspectiva de maior produção (5,67%), uma vez que os preços caíram 4,67% na comparação entre os períodos (jan a nov/14 e jan a nov/13). A desvalorização anual do produto resultou das condições favoráveis à safra norte-americana. Contrariando esta tendência, em novembro, a firme demanda e a escassez de soja e derivados elevaram os preços no Brasil. No decorrer do mês, o clima esteve melhor para o cultivo e desenvolvimento das lavouras de soja em praticamente todo o país. Mesmo assim, devido às intempéries anteriores e ao menor ritmo de plantio, houve estimativas de redução na produtividade.

Os produtos que apresentaram retração do faturamento esperado para 2014 foram: batata (37,27%), cana-de-açúcar (5,42%), cebola (6,88%), feijão (3,27%), mandioca (13,75%), milho (7,71%), tomate (0,84%) e trigo (19,54%). A cana e o milho apresentaram baixas em preços e volumes. Para as demais a queda ocorreu via cotações decrescentes.

Para a cana-de-açúcar, houve redução semelhante em preços e volume, de cerca de 2,5% a.a. para ambos. Segundo a Conab, a forte seca ocorrida no período de desenvolvimento da cana resultou em produtividade inferior à da safra passada. A queda na produção só não foi maior devido ao ligeiro aumento da área plantada no País (2,2%).

No caso do milho, a desvalorização na comparação anual (5,86%) ainda pesa sobre o faturamento da atividade. A boa disponibilidade do cereal no mercado interno e a grande safra norte-americana pressionaram as cotações entre abril e setembro. A partir de então os preços do cereal voltaram a ganhar ritmo, fechando novembro em forte alta. Até meados do mês, as condições climáticas foram desfavoráveis em boa parte das regiões produtoras no Brasil, especialmente no Sudeste e Centro-Oeste, o que sustentou os valores. Com a volta da chuva, o plantio foi retomado e as cotações estabilizaram-se ou mesmo passaram a cair nos últimos dias de novembro. O Indicador ESALQ/BM&FBovespa, referente à região de Campinas (SP), subiu expressivos 5%, fechando a R\$ 27,52/saca de 60 kg no dia

28. Se considerados os negócios também em Campinas, mas cujos prazos de pagamento são descontados pela taxa de desconto NPR, o preço médio à vista foi de R\$ 27,04/sc de 60 kg com aumento de 4,8% no mês.

Em relação à batata, a forte oscilação das cotações testou a capacidade dos produtores de se manterem na atividade. Em abril, a batata ágata padrão especial teve a maior média da série histórica do Cepea em termos nominais, de R\$ 136,77/sc de 50 kg. A valorização da variedade é resultado da quebra de produtividade no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, em decorrência da estiagem na região. Em julho, o cenário foi invertido com o aumento de 3,4% na área da safra de inverno, frente à anterior. Segundo pesquisadores do Cepea, este impulso veio principalmente de Vargem Grande do Sul (SP), que é a principal região produtora no período e por Cristalina (GO), com crescimentos de área em 5% e 6,5%, respectivamente. Os pesquisadores destacam ainda que a área de cultivo de inverno já vinha crescendo nos últimos anos e, aliada à boa produtividade, resultou em excedente de oferta, pressionando as cotações abaixo dos custos de produção. Assim, os preços médios da safra (julho a novembro) foram de R\$ 21,38/sc, 30,06% inferior aos desembolsos.

Para o trigo, os preços recuaram 19,54% (na comparação com janeiro a novembro de 2013), sendo que em setembro os valores atingiram o menor nível em mais de dois anos, fazendo com que o governo federal anunciasse leilões de Pepro (Prêmio Equalizador ao Produtor) para tentar melhorar a renda do tricultor e escoar a produção. Em novembro, a cotação do trigo voltou a se recuperar, o que foi motivado pela demanda externa firme, associada a problemas climáticos em países produtores como Estados Unidos e Rússia. Além disso, a menor oferta de trigo de boa qualidade e a intervenção do governo também influenciaram na elevação no mercado interno.

Em novembro, o segmento primário da pecuária cresceu 0,99%, elevando para 7,67% a alta acumulada no ano. Para o conjunto das atividades acompanhadas, a cotação média subiu 4,95% a.a. e o volume produzido teve expansão de 3,54%.

Na comparação anual, avaliada até novembro, o faturamento esperado para a bovinocultura de corte cresceu 15,26%, via crescimento de 16,32% nos preços, quando comparado ao mesmo período de 2013 (janeiro a novembro). Em volu-

me, o cenário é de ligeira baixa (0,91%). Ao longo do ano, as cotações do boi gordo seguiram movimento de alta, com exceção dos meses de abril a junho, quando perderam ritmo. Em novembro, a média do Indicador do boi gordo ESALQ/BM&FBovespa foi de R\$ 143,10, recorde da série deflacionada (IGP-DI de novembro), superando o maior valor anterior de novembro de 2010, corrigido para R\$ 137,28. Esta valorização segue fundamentada na oferta reduzida, causada em grande parte pela seca.

Igualmente impulsionada pela aceleração das cotações (13,42% superior às do mesmo período de 2013), a atividade suínica cresceu 14,88% no faturamento projetado para o ano. Quanto à produção, a expectativa também é de alta, embora bem mais modesta, de 1,29%. O elevado patamar de preços resulta, principalmente, do movimento altista iniciado em junho – já que nos meses anteriores a tendência geral foi de queda. Em novembro, os valores aquecidos na primeira quinzena contrastaram com recuos no restante do mês. Essa oscilação resultou de mudanças no cenário externo. Até meados de novembro, a Rússia estava bastante ativa em relação às compras da carne brasileira. Em resposta, frigoríficos nacionais mostravam-se dispostos a pagar valores maiores pelo animal. Com a retração russa, no entanto, não havia motivação para manter o mesmo ritmo

de compra do animal terminado e o mercado doméstico também não deu suporte para a mesma intensidade de abates. Nesse contexto, o preço do suíno vivo se desacelerou em todas as praças consultadas pelo Cepea.

A pecuária leiteira também mantém perspectiva de crescimento para o ano (13,80%). Este desempenho é puxado pela perspectiva de aumento em 14,42% na produção, uma vez que, para os preços, o cenário é de ligeira baixa (0,54%) na comparação entre os períodos (janeiro a novembro/14 contra janeiro a novembro/13). O expressivo aumento da produção de leite em 2014 está ligado às condições climáticas favoráveis nas regiões Sul e Nordeste e aos investimentos realizados por produtores ao longo do ano. Por outro lado, o aumento da oferta tem resultado em enfraquecimento das cotações nas regiões sulistas. Em novembro, o preço do leite pago ao produtor, na média Brasil, foi de 1,0249/litro, recuo de 4,08% frente a outubro. Esta forte desvalorização é resultado dos estoques elevados nos laticínios, que estão aumentando desde junho, em função da maior captação de leite.

No mercado de ovos, preços 2,71% superiores e expectativa de produção 3,07% maior favoreceram o faturamento esperado para a atividade. Em alta na comparação anual, as cotações perderam ritmo

no último mês. Em novembro, conforme dados do Cepea, os valores pagos ao avicultor pela caixa com 30 dúzias de ovo tipo extra branco chegaram a recuar 10% e, do ovo extra vermelho, 8%, ambos na região de Bastos (SP). Agentes consultados esperavam melhora nas vendas a partir de novembro por conta do aquecimento da demanda de indústrias alimentícias e panificadoras que produzem itens típicos de final de ano. Porém, a liquidez permaneceu baixa.

Com cotações em baixa (7,29% a.a.) e volume ligeiramente superior (1,23% a.a.), a avicultura de corte seguiu como a única atividade do segmento a registrar queda no faturamento anual esperado, de 6,16%. Os preços estiveram em queda no primeiro semestre. Entretanto, entre julho e outubro, voltaram a ganhar ritmo como reflexo da melhor competitividade com as carnes concorrentes (suína e bovina), do bom desempenho das exportações brasileiras e da oferta restrita para abate. Mas, em novembro, os preços do frango vivo voltaram a recuar, frente ao maior volume de carne in natura direcionado ao mercado interno, com o recuo das exportações no período. Segundo dados da Secex, no mês, os embarques de carne de frango in natura tiveram redução de 9,7% na comparação com o mês anterior, totalizando 297,57 mil toneladas.

## Agroindústria segue em desaceleração

A agroindústria nacional voltou a recuar em novembro, 0,36%, acumulando retração de 0,11% na parcial de 2014. A indústria de base agrícola tem pressionado os resultados do segmento – queda de 0,42% no mês e 0,76% no acumulado de janeiro a novembro. Já a indústria de processamento animal ficou praticamente estável no mês, mantendo em 4,10% o crescimento no acumulado de 2014.

Entre as indústrias relacionadas à agricultura acompanhadas, apenas as atividades de papel, celulose e gráfica e café, registraram crescimento no mês e também no acumulado do período.

Para a indústria cafeeira, o crescimento esperado da produção justifica o aumento de 3,19% no acumulado de janeiro a novembro. Segundo a ABIC (Associação Brasileira da Indústria do Café), esse cenário reflete a perspectiva de expansão

do consumo no mercado interno. Em relação aos preços, apesar do movimento geral de alta nos últimos meses, na comparação com o mesmo período do ano anterior, houve baixa de 0,95%. Adicionalmente, o faturamento anual tem sido comprometido pela expressiva valorização da matéria-prima, que em grande parte não foi repassada ao consumidor.

As indústrias de vestuário e de óleos vegetais<sup>1</sup> também se expandiram em novembro, mas na análise anual seguiram em baixa. Para a indústria de vestuário, a queda acumulada de 4,51% na parcial de 2014 resulta de menores preços e produção. Quanto ao volume produzido, houve movimento consistente de queda desde abril/14. Segundo a ABIT (Associação Brasileira de Indústria Têxtil e de Confecção), a concorrência com produtos importados da China, Índia, Bangladesh e Peru

pesou sobre os resultados da indústria neste ano, assim como nos anteriores. Este mesmo cenário explica o desempenho da indústria têxtil, que em novembro recuou 0,89%, acumulando retração de 4,98% entre janeiro e novembro.

Na indústria de óleos vegetais, o fraco desempenho deu-se via menores cotações (-8,68%), já que para a produção espera-se ligeira elevação, de 1,78% a.a. A baixa no preço médio da indústria resultou da desvalorização do óleo de soja, que desde 2013 vem passando por consecutivas retrações frente ao aumento na oferta de óleos concorrentes. Segundo pesquisadores do Cepea, neste ano houve expressivo excedente de óleo de palma no mercado global. Em novembro, o óleo de soja se valorizou em torno de 3%, o que, segundo os pesquisadores é explicado pela firme demanda e a escas-

<sup>1</sup> Entre os óleos vegetais estão: fabricação de óleos vegetais brutos; produção de óleos animais, sebo industrial, glicerina e ceras; refinação de óleos vegetais; e preparação de gorduras vegetais para alimentação (Coco, Margarinas).

sez de soja e derivados no mês.

A indústria de elementos químicos (etanol) recuou em novembro (0,10%), mas ainda manteve taxa positiva na parcial de janeiro a novembro (4,21%). Na comparação entre os períodos (janeiro a novembro de 2014 contra o mesmo período de 2013), o cenário é de maiores preços e volume. Em novembro, os preços dos etanóis voltaram a subir, o que ocorreu em razão do anúncio do reajuste de 3% da gasolina feito pela Petrobrás no início do mês, o que tornou o biocombustível mais competitivo. Para o anidro, a alta foi de 3,1% de outubro para novembro e para o hidratado, de 7%, com os Indicadores mensais CEPEA/ESALQ (estado de São Paulo) passando para R\$ 1,3299/l e R\$ 1,2182/l, respectivamente.

Na indústria de beneficiamento de produtos vegetais<sup>2</sup>, a performance negativa na parcial de 2014 (-5,46%), vincula-se à retração em volume (5,95% a.a.), visto que na média para as atividades acompanhadas os preços se mantiveram praticamente estáveis (+0,08 a.a.). No caso da produção, a pressão decorreu do resultado negativo para sucos e concentrados, atividade de maior representatividade desta indústria e que tem reduzido os volumes enviados ao mercado externo, em decorrência da baixa demanda. A farinha de trigo, outro importante produto desta indústria, registrou aumento na produção como reflexo da alta de 6,80% na safra do cereal. Além disso, os preços internos seguem suscetíveis ao movimento internacional (uma vez que uma parcela de quase 70% do produto é importada), que segundo as perspectivas da safra mundial, devem permanecer em patamares firmes.

As atividades de madeira/mobiliário, açúcar e demais produtos alimentares<sup>3</sup> recuaram no mês e na parcial de 2014. Considerando-se o resultado acumulado no ano, a indústria do açúcar registrou o pior resultado no faturamento, com queda de 6,81%, via menores preços e volume. Em termos de cotações, houve retração de 3,54% na comparação entre períodos. Ao longo de 2014, o avanço nas exportações tailandesas (que já participam com quase 15% do mercado mundial), juntamente com a produção brasileira, exerceram forte pressão nos preços do açúcar. Porém, em novembro, os valores praticados no

mercado spot paulista de açúcar cristal mantiveram o movimento de alta observado desde o mês anterior. Segundo pesquisadores do Cepea, usineiros continuaram com uma postura firme com relação aos valores pedidos no decorrer do mês, mesmo com as oscilações na demanda. Na última semana do mês, as chuvas nas regiões produtoras de cana-de-açúcar no estado de São Paulo interromperam em alguns dias a moagem nas usinas que ainda estavam em atividade, favorecendo a sustentação dos preços.

Para o grupo de outros produtos alimentares, destaca-se o desempenho da indústria de bebidas (cerveja e refrigerante), que em 2014 foi favorecido por fatores sazonais, como as elevadas temperaturas do verão, o Carnaval tardio e a realização da Copa do Mundo. Segundo dados do Sistema de Controle de Produção de Bebidas (Sicobe), entre janeiro e novembro de 2014, foram fabricados 12,6 bilhões de litros de cerveja, elevação de 6% em relação ao mesmo período de 2013. Já para os refrigerantes, com produção de 14,19 bilhões de litros entre janeiro e novembro de 2014, houve crescimento de 3% em relação ao mesmo período do ano anterior. Para a produção de massas e farináceos, também importante na composição da indústria de outros produtos alimentares, o cenário tem sido de expansão, com destaque para a produção de produtos com maior valor agregado, visando diluir os altos custos com seus principais insumos (trigo, açúcar e soja). Paralelamente, as empresas têm investido em escala de produção, processos de verticalização (produção própria de insumos) e elevação da capacidade de estoques, para manterem-se competitivas no mercado.

No ramo da pecuária, as indústrias de abate e calçados registraram alta tanto no mês, de 0,33% e 0,44%, nesta ordem, quanto no acumulado do período, de 7,13% e 3,70%. Já a indústria de laticínios seguiu com queda mensal de 0,84% e, de 1,13% na parcial do ano.

O desempenho favorável da indústria de abate reflete o maior patamar de preços em 2014, de 9,55% em relação à média de janeiro a novembro de 2013, o qual foi alavancado, principalmente, pelas carnes bovina e suína.

Em 12 de novembro, os preços da carne bovina (com osso) negociada no atacado da Grande São Paulo atingiram os maiores patamares em termos reais da série do Cepea, iniciada em 2001 para o produto - R\$ 9,22/kg da carcaça casada. De modo geral, o movimento altista ao longo do ano atrelou-se à redução da oferta de animais para abate com a seca prolongada. Adicionalmente, o bom desempenho das exportações brasileiras contribuiu para restringir a disponibilidade interna de carne. O total de carne in natura brasileira embarcada em novembro se elevou o acumulado no ano para 1,119 milhão de toneladas, 4,3% a mais que o volume do mesmo período de 2013 (1,073 milhão de t) e apenas 7,5% inferior ao recorde de 2007. Quanto ao preço médio em dólar, na parcial do ano, foi 4,35% superior ao de igual intervalo de 2013, a US\$ 4.711,23/t.

Quanto à carne suína, a oferta restrita de animais terminados e a demanda aquecida (principalmente para o mercado externo) impulsionaram as cotações tanto para o suíno vivo quanto para a carne. Em novembro, a suinocultura passou por dois momentos distintos. Segundo pesquisadores do Cepea, no início do mês a Rússia estava bastante ativa, elevando os preços internacionais e levando os frigoríficos brasileiros a pagar valores maiores pelo animal. Com a retração russa no correr de novembro, no entanto, o ritmo de comprar do suíno vivo caiu. Como no mercado doméstico também não houve elevação no consumo, as cotações perderam ritmo.

Na indústria de calçados, a alta acumulada em 2014 também refletiu o melhor patamar de preços (5% na comparação com o mesmo período de 2013), visto que em volume houve redução de 0,98%. Vale destacar que em outubro o governo elevou a alíquota de devolução dos valores pagos em impostos aos exportadores de manufaturados (Reintegra), de 0,3% para 3% do valor total embarcado. Segundo a Abicalçados (Associação Brasileira das Indústrias de Calçados), a expectativa é de que os embarques melhorem em dezembro/14 e janeiro/15. Entretanto, com a crise na Argentina (segundo principal mercado comprador de calçados) é possível que ocorra um abrandamento do efeito da medida federal. Paralelamente, agentes do setor alertam para a deterioração

<sup>2</sup> O beneficiamento de produtos vegetais abrange as seguintes atividades: beneficiamento de arroz, moagem de trigo, fabricação de sucos, concentrados, doces e conservas de frutas, produção de conservas de legumes e outros vegetais, beneficiamento de cacau, beneficiamento de outros vegetais, beneficiamento de milho, preparação do fumo em folha, rolo ou corda, fabricação de cigarros e charutos e fabricação de filtros para cigarro.

<sup>3</sup> Outros produtos alimentares incluem: fabricação de produtos de padaria e confeitaria; fabricação de massas alimentícias, biscoitos e pó para gelatinas; produção de refeições preparadas; preparação do pescado e fabricação de conservas do pescado; fabricação de balas e sorvetes; preparação do sal de cozinha; fabricação de vinhos; fabricação de aguardente de cana, licores e de bebidas alcóolicas diversas; fabricação de cervejas, chopes e malte; fabricação de refrigerantes, refrescos naturais e xaropes e engarrafamento e gaseificação de águas minerais.

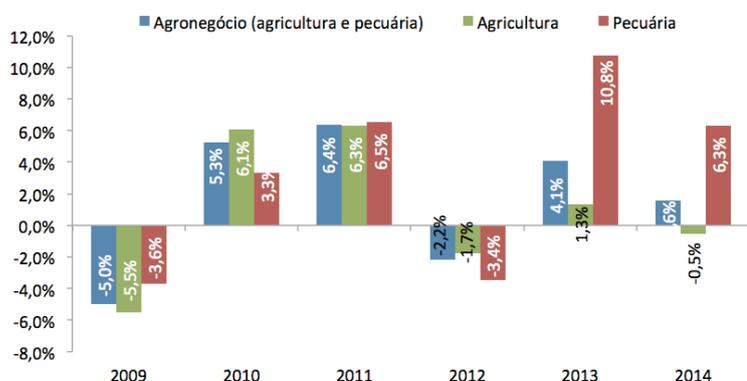
ração de competitividade da indústria nacional frente aos mercados globais, o que fica a cargo das barreiras impostas à exportação por alguns países e pelo dólar elevado frente ao Real.

No caso dos lácteos, a fraca performance em 2014 é resultado da combinação de volumes estáveis e preços baixos. Na comparação de janeiro a novembro deste ano com o mesmo período de 2013, houve expansão em apenas 0,27% da quantidade produzida, e, para os preços, o patamar encontra-se em nível 1,50% inferior. Em novembro, a oferta acima da

demanda manteve a pressão sobre os valores dos produtos lácteos. Alguns colaboradores do Cepea apontaram que laticínios fizeram até promoções para tentar escoar os estoques, enquanto outros reduziram o volume de leite comprado dos produtores. Os preços médios do leite UHT e do queijo muçarela, negociados no atacado do estado de São Paulo tiveram médias de R\$ 1,9830/litro e R\$ 11,49/kg, respectivamente, em novembro, 6,63% e 3,22% inferiores aos praticados em outubro.

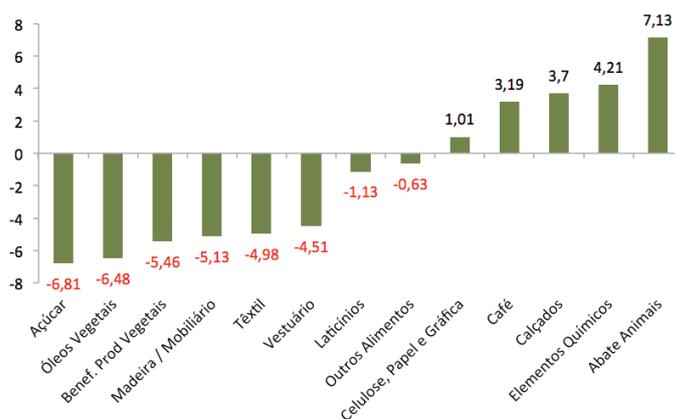
Em novembro, o segmento de distribuição (comércio, transporte e demais serviços de distribuição) do agronegócio nacional caiu 0,19%, reduzindo para 1,20% a expansão acumulada no ano. Pressionado pelos resultados negativos de todos os segmentos a montante, a distribuição do ramo agrícola decresceu 0,52% no mês e, 1,01% no acumulado do período. No ramo da pecuária, a retração mensal na indústria não impediu que o segmento de distribuição seguisse em alta, 0,53% no mês e 6,24% de janeiro a novembro.

Taxas Acumuladas (Janeiro - Novembro)



Fonte: Cepea-USP e CNA

Varição Acumulada no ano (%) da Agroindústria 2014



Fonte: Cepea-USP e CNA

Tabela - Variação do PIB do agronegócio nacional (%)

2013/2014	AGROPECUÁRIA				
	Insumos	Primário <sup>(A)</sup>	Indústria	Distribuição	Agronegócio Global <sup>(B)</sup>
Novembro	0	0,67	0,2	0,27	0,34
Dezembro	0,5	0,47	0,71	0,58	0,57
Janeiro	-0,1	0,24	0,17	0,16	0,16
Fevereiro	0,15	0,46	0,19	0,31	0,3
Março	0,45	0,77	0,19	0,37	0,44
Abril	0,58	0,88	-0,16	0,2	0,34
Mai	0,52	0,97	0,06	0,43	0,49
Junho	0,1	0,43	-0,32	0,06	0,06
Julho	0	0,27	-0,12	0,02	0,05
Agosto	-0,06	-0,12	-0,08	-0,09	-0,1
Setembro	0,11	-0,01	0	0,01	0,01
Outubro	-0,04	-0,48	0,32	-0,08	-0,08
Novembro	0,17	0,22	-0,36	-0,19	-0,08
Acum. no Período (2014)	1,89	3,68	-0,11	1,20	1,60

Obs: (A) Envolve as atividades primárias: "dentro da porteira"; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e distribuição.

2013/2014	AGRICULTURA				
	Insumos	Primário <sup>(A)</sup>	Indústria	Distribuição	Agronegócio Global <sup>(B)</sup>
Novembro	-0,06	0,43	0,2	0,18	0,22
Dezembro	-0,2	0,07	0,66	0,41	0,36
Janeiro	-0,33	-0,07	0,04	-0,12	-0,07
Fevereiro	0,08	0,39	0,1	0,14	0,18
Março	0,46	0,77	0,1	0,19	0,32
Abril	0,74	1,11	-0,24	0,07	0,27
Maiο	0,26	0,69	-0,09	0,1	0,19
Junho	-0,22	0	-0,47	-0,29	-0,28
Julho	0,02	0,31	-0,14	-0,07	0
Agosto	-0,4	-0,44	-0,11	-0,23	-0,25
Setembro	-0,24	-0,54	0,02	-0,12	-0,18
Outubro	-0,75	-1,29	0,45	-0,16	-0,27
Novembro	-0,33	-0,42	-0,42	-0,52	-0,44
<b>Acum. no Período (2014)</b>	-0,72	0,49	-0,76	-1,01	-0,53

Obs: (A) Envolve as atividades primárias: "dentro da porteira"; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e distribuição.

2013/2014	PECUÁRIA				
	Insumos	Primário <sup>(A)</sup>	Indústria	Distribuição	Agronegócio Global <sup>(B)</sup>
Novembro	0,11	0,99	0,17	0,48	0,6
Dezembro	1,54	0,98	1,02	0,97	1,07
Janeiro	0,23	0,63	1,03	0,81	0,67
Fevereiro	0,24	0,54	0,82	0,69	0,58
Março	0,44	0,76	0,76	0,78	0,72
Abril	0,37	0,58	0,37	0,48	0,49
Maiο	0,89	1,31	1,05	1,18	1,18
Junho	0,55	0,97	0,59	0,82	0,81
Julho	-0,01	0,21	0,02	0,2	0,15
Agosto	0,41	0,27	0,09	0,2	0,25
Setembro	0,61	0,65	-0,12	0,3	0,44
Outubro	0,96	0,51	-0,54	0,09	0,32
Novembro	0,85	0,99	-0,03	0,53	0,7
<b>Acum. no Período (2014)</b>	5,68	7,67	4,10	6,24	6,49

Obs: (A) Envolve as atividades primárias: "dentro da porteira"; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e distribuição.

Fonte: CEPEA-USP e CNA

Tabela - Variações Mensais e Acumulada no ano (%) da Agroindústria 2014

2013/2014	INDÚSTRIA												
	Madeira e Mobiliário	Celulose, Papel e Gráfica	Elementos Químicos	Têxtil	Vestuário	Café	Beneficiamento de Produtos Vegetais	Açúcar	Óleos Vegetais	Outros Alimentos	Calçados	Abate de Animais	Laticínios
Novembro	0,2	-0,34	1,67	0,08	-0,33	0,01	1,01	-0,71	-1,13	-0,83	1,13	-0,7	1,5
Dezembro	0,32	0,15	1,94	0,17	-1,5	-0,14	1,35	-0,51	-1,57	0,32	1,06	0,76	1,48
Janeiro	0,1	0,09	0,91	0,04	-0,21	-0,54	-0,35	-0,61	-1,57	-0,23	0,33	0,86	1,51
Fevereiro	0,19	0,22	0,26	0,02	0,02	0,13	0,19	0,12	-0,8	-0,05	0,44	0,9	0,78
Março	-0,08	0,02	0,79	-0,08	-0,1	-0,07	-0,84	-0,01	0,06	0,08	0,45	0,89	0,61
Abril	-0,84	-0,08	0,13	-0,77	-0,74	0,07	-1,37	0,04	0,43	0,02	-0,07	0,4	0,45
Maio	-0,39	-0,04	0,03	-0,42	-0,54	0,23	-0,85	0,29	-0,24	0,25	0,52	1,01	1,26
Junho	-0,52	-0,17	-1,15	-0,69	-0,83	0,39	-0,13	-1,35	-0,56	-0,05	0,62	0,91	0,02
Julho	-0,47	0,25	0,23	-0,47	-0,53	0,59	-0,46	-0,16	-0,91	-0,35	0,27	0,83	-1,49
Agosto	-0,8	0,07	0,34	-0,5	-0,55	0,41	-0,34	-0,29	-0,63	-0,18	0,33	0,28	-0,31
Setembro	-0,78	0,32	0,1	-0,5	-0,56	0,8	0,52	-0,26	-1,32	0,03	0,54	0,19	-0,85
Outubro	-0,78	-0,05	2,62	-0,84	-0,67	0,68	0,74	-4,17	-1,5	-0,08	-0,23	0,32	-2,2
Novembro	-0,87	0,38	-0,1	-0,89	0,08	0,45	-2,68	-0,55	0,37	-0,08	0,44	0,33	-0,84
Acum. no Período (2014)	-5,13	1,01	4,21	-4,98	-4,51	3,19	-5,46	-6,81	-6,48	-0,63	3,7	7,13	-1,13

Fonte: Cepea-USP e CNA

Tabela – PIB do agronegócio brasileiro de 2000 a 2014 (R\$ milhões de 2014\*)

	AGROPECUÁRIA				
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2000	78,34	187,68	261,09	261,86	788,97
2001	81,51	196,31	259,12	265,82	802,75
2002	93,45	219,67	274,19	286,14	873,46
2003	105,12	245,65	282,05	297,72	930,54
2004	106,58	243,53	296,3	307,9	954,31
2005	95,75	219,78	296,69	297,64	909,86
2006	93,18	215,1	305,04	300,66	913,98
2007	105,28	241,3	318,32	321,21	986,11
2008	124,03	276,71	326,72	338,12	1.065,57
2009	110,51	255,71	313,99	323,7	1.003,91
2010	115,8	283,63	334,83	345,33	1.079,59
2011	130,56	318,43	330,23	358,47	1.137,69
2012	130,29	309,88	317,45	348,15	1.105,77
2013	134,35	333,67	328,15	360,95	1.157,12
2014	136,88	345,88	327,76	365,26	1.175,78

AGRICULTURA					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2000	47,17	98,74	219,51	178,16	543,58
2001	49,89	107,16	216,54	180,35	553,94
2002	58,11	126,37	230,9	197,55	612,94
2003	66,92	146,54	239,2	207,17	659,82
2004	67,58	144	252,12	215,23	678,93
2005	57,4	121,73	253,42	207,14	639,7
2006	56,69	121,41	263,83	214,61	656,54
2007	64,55	136,3	273,9	226,32	701,07
2008	78,61	159,35	280,16	235,17	753,28
2009	67,69	144,67	272,32	228,81	713,49
2010	70,77	162,32	291,6	245,12	769,81
2011	79,57	185,61	286,47	253,27	804,92
2012	80,33	185,72	276,98	250,29	793,32
2013	79,6	186,78	284,99	251,92	803,28
2014	79,02	187,7	282,82	249,41	798,94

PECUÁRIA					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2000	31,17	88,95	41,58	83,7	245,39
2001	31,62	89,15	42,57	85,47	248,81
2002	35,34	93,3	43,29	88,59	260,52
2003	38,2	99,11	42,85	90,55	270,72
2004	39	99,53	44,18	92,67	275,38
2005	38,35	98,05	43,26	90,5	270,16
2006	36,49	93,69	41,2	86,05	257,44
2007	40,73	105,01	44,42	94,88	285,04
2008	45,42	117,36	46,56	102,94	312,28
2009	42,82	111,04	41,67	94,89	290,42
2010	45,03	121,31	43,23	100,21	309,78
2011	51	132,82	43,75	105,21	332,78
2012	49,96	124,16	40,47	97,86	312,45
2013	54,74	146,9	43,17	109,03	353,84
2014	57,85	158,18	44,95	115,86	376,83

Fonte: Cepea-USP e CNA

\* tomando-se como base a taxa de crescimento acumulada até novembro de 2014